

ARTIGO ORIGINAL

Bullying no ambiente escolar: compreensão dos educadores

Bullying in school environment: the educators' understanding

Fellipe Soares Salgado¹, Wanderlei Abadio de Oliveira², Jorge Luiz da Silva³,
Beatriz Oliveira Pereira⁴, Marta Angélica Iossi Silva⁵, Lélío Moura Lourenço⁶



¹Doutorando em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo-USP (FFCLRP-USP). Ribeirão Preto. São Paulo. Brasil.

²Pós-doutorando em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Ribeirão Preto. São Paulo. Brasil. Bolsista CAPES.

³Docente. Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde. Universidade de Franca (UNIFRAN). Franca. São Paulo. Brasil.

⁴Docente. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Minho (UMINHO). Braga. Minho. Portugal.

⁵Docente. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Ribeirão Preto. São Paulo. Brasil.

⁶Docente. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. Minas Gerais. Brasil.

Autor correspondente
fellipe.salgado@usp.br

Manuscrito recebido: Maio 2019
Manuscrito aceito: Outubro 2019
Versão online: Março 2020

Resumo

Introdução: O bullying é um tipo de violência entre pares caracterizado pela intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores. A ocorrência de bullying no contexto escolar prejudica a aprendizagem e o desenvolvimento saudável dos estudantes.

Objetivo: Analisar a compreensão dos educadores sobre o bullying no ambiente escolar.

Método: Estudo transversal e qualitativo realizado com 16 educadores (diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos e professores) de duas escolas públicas de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas que seguiram um roteiro produzido a partir de indicações da literatura especializada. O conteúdo das entrevistas foi gravado e transcrito na íntegra. A interpretação dos dados seguiu os pressupostos da análise de conteúdo, em sua modalidade temática, considerando-se as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação.

Resultados: Foram identificadas três categorias temáticas: 1) A centralidade das famílias nos problemas das escolas na concepção dos educadores; 2) Crenças que estabelecem nexos explicativos para o bullying; e 3) Ações de intervenção desenvolvidas em relação ao bullying. Os resultados apontam que as crenças dos educadores responsabilizam exclusivamente as famílias pelos problemas das escolas e pelo bullying. Essas concepções decorrem de situações vivenciadas no cotidiano ou de discursos de outros profissionais da educação que reiteram a ausência das famílias e o pouco envolvimento parental nas questões da educação formal dos filhos como o grande problema. Narrativas dessa natureza denotam a ausência de uma compreensão ampliada sobre o bullying e sua complexidade. Além da família, os educadores apontaram as influências da personalidade, da mídia e dos padrões sociais como fatores que podem explicar o envolvimento dos estudantes em situações de bullying. Para os participantes as respostas mais efetivas para minimizar ou responder adequadamente ao bullying escolar necessitam da participação da família e alguns não acreditavam que a escola pudesse, sozinha, fazer algo de efetivo. No conjunto dos dados, percebeu-se que as crenças e compreensões dos educadores sobre a problemática do bullying impedem que que medidas direcionadas aos aspectos escolares, que constituem causas mais proximais à ocorrência de bullying, sejam efetivadas.

Conclusão: Conclui-se que os educadores investigados necessitam ampliar a compreensão que apresentam sobre o bullying, de modo a desenvolverem ações eficazes de enfrentamento desse fenômeno nas escolas, que incluam igualmente a participação das famílias.

Palavras-chave: *Bullying*, violência, educação, relações familiares, serviços de saúde escolar.

Suggested citation: Salgado FS, Oliveira WA, Silva JL, Pereira BO, Silva MAI, Lourenço LM. Bullying in school environment: the educators' understanding. *J Hum Growth Dev.* 2020; 30(1):58-64. DOI: <http://doi.org/10.7322/jhgd.v30.9969>

Síntese dos autores

Por que este estudo foi feito?

Para fornecer novos insights acerca de uma problemática enfrentada por crianças e adolescentes em idade escolar, objetivou-se analisar a compreensão dos educadores sobre o bullying no ambiente escolar. Segundo a literatura científica, o professor tem papel essencial no enfrentamento desse tipo de violência, por isso, é necessário compreender como ele entende ou percebe as diferentes formas de sua manifestação na escola.

O que os pesquisadores fizeram e encontraram?

Entrevistamos 16 educadores de duas escolas públicas de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os resultados apontam que as crenças dos educadores responsabilizam exclusivamente as famílias pelos problemas das escolas e pelo bullying, denotando ausência de compreensões ampliadas. Essa compreensão afeta a maneira como eles respondem ou agem diante de diferentes situações de bullying.

O que essas descobertas significam?

Os achados do estudo sugerem que os educadores investigados necessitam ampliar a compreensão que apresentam sobre o bullying, de modo a desenvolverem ações eficazes de enfrentamento desse fenômeno nas escolas, que incluam igualmente a participação das famílias.

INTRODUÇÃO

O bullying escolar é abordado com crescente periodicidade nos meios de comunicação e diversos estudos têm sido desenvolvidos na tentativa de melhor compreendê-lo. Ele ocorre mediante agressões contínuas e intencionais entre estudantes que se encontram em situação de desigualdade de poder físico, social ou psicológico¹. O bullying pode se manifestar diretamente, em situações de agressão física ou verbal, bem como indiretamente, quando há disseminação de informações que caluniam os colegas, denigrem sua imagem ou provocam sua exclusão do grupo de pares². Os envolvidos, via de regra, são identificados como vítimas, agressores, vítimas-agressoras e testemunhas³.

A Organização Mundial de Saúde considera o bullying como um problema generalizado a nível mundial⁴. No Brasil, especificamente, a prevalência nas escolas é de aproximadamente 28%⁵, o que faz com que seja considerado um problema de saúde pública, devido também às consequências negativas que ocasiona à saúde, qualidade de vida, desenvolvimento psicossocial e às trajetórias educacionais de crianças e adolescentes⁶. Resumidamente, encontram-se a ele associados: depressão, ansiedade, insônia, solidão, indisciplina escolar, evasão dos estudos, uso de álcool e outras drogas, comportamentos infracionais, automutilação e suicídio^{3,7,8}.

De maneira geral, identifica-se que na realidade brasileira as pesquisas sobre bullying são baseadas em sua maioria no autorrelato de estudantes e possuem foco na identificação de sua ocorrência e na caracterização dos participantes. Entretanto, existem lacunas a serem preenchidas, no sentido de melhor compreender este fenômeno utilizando-se como fonte de dados outros atores sociais, tais como os educadores, que possuem a possibilidade de prevenir e intervir intencionalmente nas agressões ocorridas no contexto escolar⁹. Trata-se, portanto, de uma temática relevante, pois existem indicações na literatura de que, em geral, as instituições escolares e os educadores não se encontram adequadamente preparados para lidarem com o bullying¹⁰.

Em relação aos educadores, o nível de conhecimento e as compreensões que eles possuem acerca do bullying norteiam o modo como eles identificam e respondem às situações ocorridas na escola. Por exemplo, o entendimento de que o bullying não é prejudicial e representa brincadeiras típicas da idade colabora para que a necessidade de

intervenção seja vista como dispensável. Por outro lado, conceber que se trata de comportamentos excessivamente graves, estimula a aplicação de métodos punitivos que podem agravar ainda mais o problema, em vez de resolvê-lo¹¹. Portanto, a ausência de conhecimentos específicos sobre o bullying que permitam identificar as suas principais causas, características, sujeitos envolvidos, entre outros aspectos, compromete a forma como ele é interpretado pela equipe escolar, que pode considerá-lo com sendo trivial e inofensivo¹², ou então estimular intervenções inadequadas, por não se conseguir identificá-lo e distingui-lo de outras formas de violência ou de indisciplina dos alunos.

Assim sendo, as compreensões apresentadas pelos educadores constituem um tema importante de investigação por constituírem indicadores do conhecimento que possuem acerca do fenômeno, do modo como o compreendem e como interveem nas agressões praticadas pelos alunos¹³. Por exemplo, um estudo desenvolvido com gestores educacionais acerca das causas que eles atribuíam à violência escolar identificou: família disfuncional, violência doméstica, baixa autoestima do aluno, pouca perspectiva para sucesso no futuro, fracasso escolar e desigualdade social¹⁴. Preponderou a crença de que a violência decorre de características individuais dos estudantes e de processos sociais exógenos à escola. Assim, a responsabilidade pela prevenção ou redução da violência, para os sujeitos investigados, caberia à família, ao contexto social e aos próprios estudantes.

É importante destacar que a crença dos gestores investigados no estudo de Marra¹⁴ se encontra em dissonância com os dados apresentados pela literatura que indica serem os fatores intraescolares os maiores responsáveis, especialmente: a ausência ou falência de regras da escola, clima escolar negativo, ausência de supervisão de adultos, entre outros aspectos^{15,16}. Assim sendo, para fornecer novos insights acerca dessa problemática enfrentada por crianças e adolescentes em idade escolar, na perspectiva do professor e que esse estudo foi desenvolvido.

Como referido, o professor tem papel essencial no enfrentamento desse tipo de violência, por isso, é necessário compreender como ele entende ou percebe as diferentes formas de sua manifestação na escola. Ao mesmo tempo, reconhece-se que ainda faltam aos educadores informações relacionadas ao bullying especificamente, por se tratar de um tipo de violência escolar.

Assim, o objetivo é analisar a compreensão dos educadores sobre o bullying no ambiente escolar.

■ MÉTODO

Delimitação

Trata-se de estudo transversal, qualitativo, do tipo exploratória, que visa ao exame cuidadoso de um fenômeno com o intuito de compreendê-lo, descrevê-lo em seu significado, respondendo, assim, a questões muito particulares. Esse tipo de abordagem busca apreender um nível da realidade não quantificável, envolvendo crenças, valores, percepções e sentimentos, que envolvem aspectos mais profundos dos fenômenos ou sujeitos investigados, que dificilmente podem ser alcançados mediante a operacionalização objetiva de variáveis¹⁷. Ao mesmo tempo, estudos transversais são importantes no que se refere ao seu caráter descritivo, mas também na medida em que podem assumir perspectivas analíticas a partir do exercício de interpretação exercido por pesquisadores qualificados/experientes na temática explorada¹⁸.

Local do estudo

O estudo foi realizado na cidade de Juiz de Fora-MG, situada a 283 km da capital do Estado de Minas Gerais. Juiz de Fora possui uma população de 516.247 habitantes, 320 escolas particulares (Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior), 103 escolas municipais (Ensino Infantil e Ensino Fundamental) e 53 escolas estaduais (Ensino Fundamental e Médio)¹⁹. Um estudo desenvolvido com estudantes juiz-foranos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental indicou prevalência de bullying de 60,0%¹⁸, índice superior à média nacional que em 2015 foi de 28,0%⁵, o que denota a relevância de se desenvolver estudos sobre a temática nas escolas da cidade. Duas escolas públicas (escola A e escola B) foram selecionadas por conveniência para participação no estudo.

Participantes

O critério de amostragem de participantes na pesquisa qualitativa não corresponde aos atributos numéricos, tais como distribuição, extensão e tamanho. O interesse está na obtenção de material relevante para a compreensão do assunto. Sendo assim, a pesquisa obedeceu à amostragem heterogênea, através da estratégia da variação máxima, quando os participantes são escolhidos para entrevista por apresentarem características de diversidade apontadas pela revisão de literatura²⁰.

Participaram do estudo 16 educadores. Na escola A foram entrevistados o diretor, o vice-diretor, um coordenador pedagógico e cinco professores. Na escola B foram entrevistados o vice-diretor, dois coordenadores pedagógicos e cinco professores. A média de idade dos educadores foi de 42,7 anos. O tempo de docência variou entre seis e 30 anos (média de 12,1 anos). Em relação ao sexo, 13 pertenciam ao feminino e três ao masculino. Além disso, a composição do grupo de participantes abrangeu uma variação na formação inicial (Português, Matemática, História, Geografia e Educação Física), bem como em relação a maior e menor tempo de experiência no ensino (períodos maiores e menores de cinco anos de docência).

Instrumentos

Utilizou-se um roteiro para suporte da entrevista semiestruturada, produzido a partir de revisões da literatura. Algumas das questões que compuseram o roteiro de entrevista foram: 1. “Dentre os problemas que sua escola passa, quais são os mais graves?”; 2. “A partir da sua experiência como gestor/educador, o que você considera ser bullying?”; 3. “Na sua opinião, quais seriam as causas do bullying?”; 4. “Você pensa existir alguma solução para o bullying?”; 5. “Como vocês intervêm nas situações de bullying?”.

Procedimentos

Os participantes foram selecionados por estarem no quadro docente das duas escolas selecionadas. Os diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos foram todos entrevistados, já que a utilização da variação máxima era impossível de ser aplicada devido ao número reduzido de educadores nesses cargos. Os professores foram selecionados cumprindo as seguintes características: a) sexo/gênero, b) disciplina ministrada, c) tempo de trabalho na rede municipal menor que cinco anos, d) tempo de trabalho na rede municipal maior que cinco anos, e) tempo de formado. Dessa forma, escolheu-se um educador do sexo feminino seguido de um masculino; um educador que ministra disciplina de português, seguido de matemática, história, geografia e educação física; um educador que ainda não somou cinco anos de docência, seguido de um que completou os cinco anos e um educador cuja formação seja recente, seguido de outro que já tem mais tempo de formado. As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas, individualmente, em salas reservadas.

Análise dos dados

O conteúdo das entrevistas foi gravado e transcrito na íntegra, contanto, para isso, com autorização prévia dos participantes. A interpretação dos dados seguiu os pressupostos da análise de conteúdo, em sua modalidade temática, considerando-se as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação²¹. A pré-análise tem como objetivo principal a operacionalização e a organização do material para análise, no caso, o texto integral proveniente das entrevistas. A exploração do material corresponde à fase da leitura flutuante, responsável pela apropriação do conteúdo total das entrevistas e a constituição do corpus para iniciar a composição da unidade de análise. O tratamento dos resultados corresponde ao processo de interpretação do scopus à luz da categorização temática, no qual dois juízes foram consultados com o objetivo de se evitar possíveis vieses de interpretação do material. Os dados foram comparados e discutidos para a formação de categorias finais que corresponderam aos resultados do estudo. Foram identificadas três categorias: 1. A centralidade das famílias nos problemas das escolas na concepção dos educadores; 2. Crenças que estabelecem nexos explicativos para o bullying; e 3. Ações de intervenção desenvolvidas em relação ao bullying.

Aspectos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), parecer 148/2011. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em todas as etapas da pesquisa, foram seguidas as recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

■ RESULTADOS

Foram entrevistados 16 educadores de duas escolas públicas de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os resultados apontam que as crenças dos educadores responsabilizam exclusivamente as famílias pelos problemas das escolas e pelo bullying, denotando ausência de compreensões ampliadas. Essa compreensão afeta a maneira como eles respondem ou agem diante de diferentes situações de bullying.

A centralidade das famílias nos problemas das escolas na concepção dos educadores

Identifica-se que as concepções dos educadores investigados decorrem de situações por eles vivenciadas ou de discursos de outros profissionais da educação, e reiteram a ausência das famílias e o pouco envolvimento parental nas questões da educação formal dos filhos. As famílias ou aspectos a elas relacionados são indicados como o principal problema enfrentado pelas escolas, especialmente a “[...] falta de participação da família na vida escolar dos filhos” (P3).

Em relação ao bullying, atribuem a sua ocorrência à falta de funcionalidade familiar, por exemplo: “[...] vai refletir aqui na escola essa falta de carinho da família, ou não tem o pai ou não tem a mãe. Ou quando tem são pessoas que têm problema com o álcool e outras drogas” (P7). “Você passa a tarde toda resolvendo problema [...]. Essas ofensas que ocorrem, esses deboches, eles trazem de casa” (P5).

Neste cenário, fragilidades familiares são identificadas como forte motivo para o desânimo na prática profissional, pois, segundo os educadores, os responsáveis pelos estudantes, muitas vezes, não reforçam os bons comportamentos dos filhos e não dão atenção, carinho e apoio necessários às crianças e adolescentes: “[...] o desânimo é muito grande porque a gente percebe que os pais não respondem a isso [reforço e atenção]” (P5). “Nós não temos formação específica pra resolver problemas de psicólogo, de assistente social. A escola deveria ter esses profissionais. Até exame de acuidade visual a gente tem feito. E o pai não perceber isso, fico chocada” (P4).

Considerações dos educadores sobre as possíveis causas do bullying

Os educadores apontaram fatores considerados como determinantes para explicar o envolvimento dos estudantes em situações de bullying nas escolas. Eles acreditam que a família é o principal influenciador desse tipo de comportamento agressivo, apesar também das influências da personalidade, da mídia e dos padrões sociais. Essa relação causal entre o contexto familiar e o bullying é desvelada pelas falas: “[...] essa questão do bullying também tem a ver com a questão familiar” (P2). “O que está vendo na TV e na família está fazendo isso se tornar uma coisa bem mais grave” (P7). “Falta de limite, a família presente, falta

de valores [...]. Fica essa mentalidade de violência, cultura de violência em que nada tem limite” (P1).

Os educadores acreditam que o modelo comportamental e emocional se origina em casa e incide no ambiente escolar, por exemplo: “acho que isso vai gerando hábitos em casa, vê o pai xingando a mãe [...]. E os alunos reproduzem o que eles têm em casa, a escola é só um reflexo” (P8). A responsabilização da família pode ser o resultado da concepção que os educadores sustentam em relação à composição familiar tradicional, de classe média, cujo modelo pressupõe a existência de uma mãe em casa auxiliando o filho em tempo integral, se dedicando exclusivamente às atividades domésticas. Comentam que “[...] a saída mulher do lar provocou uma modificação muito grande, os nossos, as nossas crianças hoje são, na maioria das vezes, criadas pelos irmãos mais velhos, pela vizinha” (P8).

Ações de intervenção anti-bullying consideradas efetivas pelos educadores

Segundo os educadores, as respostas mais efetivas para minimizar ou responder adequadamente ao bullying escolar necessitam da participação da família. Alguns deles não acreditam que a escola possa sozinha fazer algo de efetivo, apesar de acreditarem que ela seja importante para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e relevante para lidar com situações de agressão: “solução de longo prazo, mas só com a participação da família” (P6); “[...] a escola tem um papel importante, mas de novo, sem a família não dá pra fazer nada não. A escola ajuda, pode chamar os pais a abrir os olhos, mas o pai deve tomar providência” (P1); “[...] “acho que a escola deve alertar os pais para cuidar dos filhos, para passar tempo com eles mesmo, sabe? Tempo de qualidade e que a criança não se sinta com raiva ou sozinha mesmo” (P2); [...] “nós estamos fazendo aqui na escola algumas intervenções muito importantes em relação à violência [...]. Então nós tivemos uma ideia de fazer reuniões que são chamadas reuniões da família (P8).

■ DISCUSSÃO

O bullying ficou em segundo plano na análise dos educadores sobre os principais problemas enfrentados pela escola e a família preponderou nos seus discursos. Destaca-se que receber ou não receber o apoio familiar é essencial no desempenho e socialização escolar de crianças e adolescentes^{22,23}. Valorizar a participação dos pais na vida escolar dos filhos é importante, e é importante se envidar esforços para estimular maior participação das famílias no acompanhamento dos estudantes, bem como para estarem presentes no ambiente escolar sempre que necessário²². Por outro lado, esse reconhecimento é diferente de se considerar a instituição familiar como principal problema da educação.

Considerar a família com principal causa dos problemas escolares isenta a escola de assumir sua parcela de responsabilidade no oferecimento de condições para uma adequada socialização dos estudantes, por impedir que aspectos pertencentes ao ambiente educacional sejam vislumbrados enquanto também agenciadores de problemas disciplinares e de violência²³. Por exemplo: a desorganização institucional, a ausência ou falência de regras, a inadequação na aplicação de medidas disciplinares e o despreparo da

equipe escolar para lidar com situações de indisciplina, conflito e agressão entre os alunos^{2,16}. O não reconhecimento desses aspectos impede que eles sejam melhorados, o que poderia aumentar a qualidade da experiência escolar dos estudantes e, assim, diminuir situações de bullying^{12,24-26}.

No conjunto, o entendimento dos educadores sobre as causas e as motivações para o bullying estão relacionadas à falta de comunicação entre pais e filhos, aos modelos de educação adotados pelos pais e à exposição à violência, sejam no contexto doméstico ou no acesso a ela via televisão, concepção de que os estudantes reproduzem na escola o que vivenciam em casa. A literatura possui resultados nesta direção. Uma avaliação sobre a percepção de gestores educacionais identificou que uma das causas mais significativas relacionadas ao fenômeno da violência escolar era a “desestruturação familiar”, pois, em geral, ligadas à família estão crenças referentes à baixa qualidade na “criação” dos filhos e pouco contato emocional entre seus membros¹⁴.

Ainda, mesmo com a unidirecionalidade dos entendimentos dos educadores, existem indicações de que a maneira como as relações familiares se desenvolvem podem se converter em fator de proteção ou de risco para a prática do bullying, para a vitimização ou para a construção de respostas para conflitos interpessoais^{18,27}. Em alguns casos, as situações de violência se encontram efetivamente relacionados a fatores externos à escola, possuindo múltiplas causas, entre elas as interações familiares²².

Portanto, a depender das causas que possam se encontrar na gênese das situações de bullying, abordagens contextuais do fenômeno passam a ser as mais indicadas, no sentido de se construir modelos explicativos que não tenham como foco exclusivo a experiência individual dos estudantes e seus modos de manifestação nas escolas. Importante destacar, contudo, que não se trata de responsabilizar as famílias pelo processo de envolvimento dos estudantes em situações de bullying, mas de compreendê-lo em sua complexidade e multideterminação¹⁶.

O entendimento apresentado pelos educadores em relação à composição familiar tradicional não corresponde à realidade atual composta por muitas famílias monoparentais, ou então que a mãe e o pai trabalham tempo integral ou mesmo de filhos sem pais, criados por outros responsáveis, como os avós, muitas vezes sem condições de auxiliarem adequadamente seus netos²⁸. Isso é importante ao considerarmos que as compreensões dos professores são um preditor da maneira pela qual esses profissionais irão conceber as relações entre escola e família, na qual a escola e os seus profissionais têm um papel importante a desempenhar no enfrentamento do bullying e que a família pode participar, mas não determinar sozinha a efetividade das ações.

Assim, nas concepções dos educadores referentes ao enfrentamento do bullying se identificou o reconhecimento da necessidade de projetos estruturados, com foco na participação familiar no processo interventivo. De igual modo que se sentiam pouco motivados e apoiados para a realização de intervenções, além de apresentarem certo incômodo com o tempo gasto em sua realização.

São situações que tanto sinalizam a preocupação dos professores diante do problema quanto indicam uma falta

de preparo ou de conhecimento para atuar no enfrentamento da questão². Tais dados assinalam a necessidade de se construir ações para esclarecer a comunidade escolar sobre os aspectos concernentes ao bullying. A criação de redes de apoio e proteção, a partir da lógica da intersetorialidade, e o envolvimento da família com as diferentes questões das escolas pode ser uma saída viável para o bullying, ampliando o foco das ações. Este tipo de entendimento exige ampliar a crença corrente e limite de que a escola deve se responsabilizar apenas pela escolarização²⁹.

A relevância desse estudo consiste na contribuição para um melhor entendimento do modo como o bullying é compreendido no ambiente escolar pelos educadores, especialmente pelos professores, em razão deles se encontrarem em posição privilegiada para identificarem as diferentes formas de socialização entre as crianças e os adolescentes e intervirem em situações de violência que possam ocorrer, com vistas a promover relações interpessoais positivas, contribuindo assim para que o clima escolar seja menos violento e excludente²⁴.

Os resultados obtidos colaboram para a saúde pública na medida em que sinaliza pistas para a elaboração de programas de intervenção vinculados à estratégia de promoção da saúde e à integralidade do cuidado na escola, indicando que, para que isso ocorra, é fundamental a formação dos educadores, uma formação que vise não somente a ampliação do conhecimento sobre o tema, mas, principalmente, o aumento da sensibilidade e da competência para intervir no problema.

Desse modo, esses achados podem promover um ambiente escolar sem violência entre os estudantes, o que é fundamental para a promoção de sucesso acadêmico e desenvolvimento psicossocial saudável, especialmente quando pautado na perspectiva de um modelo emancipatório, que busque o empoderamento e a participação de todos sujeitos envolvidos, inclusive das famílias dos alunos.

Por fim, os educadores necessitam ampliar a compreensão que apresentam sobre o bullying, de modo a desenvolverem ações eficazes de enfrentamento desse fenômeno nas escolas, que incluam igualmente a participação das famílias. Ressalta-se ainda que a novidade dos achados apresentados reside na abordagem das crenças e concepções de educadores sobre um problema que afeta a saúde e o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Percebeu-se que, embora o tema seja amplamente abordado na atualidade, ainda existem limitações no que se refere à compreensão desses sujeitos sobre o problema, suas nuances e complexidade.

As compreensões acerca do bullying no ambiente escolar apresentadas pelos educadores participantes deste estudo são, em sua maioria, baseadas na experiência imediata e carecem de fundamentação teórica.

De modo geral, apontam a família dos estudantes como o principal problema da escola, bem como a relacionada à gênese de situações de bullying. Essa atribuição das causas do bullying exclusivamente a fatores extraescolares é preocupante, pois a escola e os profissionais da educação se isentam de assumir sua parcela de responsabilidade pelo fenômeno.

■ REFERENCES

1. Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psychol.* 2013;9:751-80. DOI: <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
2. Silva JL, Oliveira WA, Bazon MR, Cecílio S. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arq Bras Psicol.* 2013;65(1):121-37.
3. Sampaio JMC, Santos GV, Oliveira WA, Silva JL, Medeiros M, Silva MAI. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto Contexto - Enferm.* 2015;24(2):344-52. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015003430013>
4. Matos MMNG. Prevenção da violência interpessoal em meio escolar: os professores, as famílias e a comunidade também marcam uma diferença? *J Child Adolesc Psychol.* 2010;1(1):65-79.
5. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr (Rio J).* 2016;92(1):32-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2015.04.003>
6. Silva JL, Oliveira WA, Carlos DM, Lizzi EAS, Rosário R, Silva MAI. Intervention in social skills and bullying. *Rev Bras Enferm.* 2018;71(3):1085-91. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0151>
7. Benedict FT, Vivier PM, Gjelsvik A. Mental health and bullying in the United States among children aged 6 to 17 years. *J Interpers Violence.* 2015;30(5):782-95. DOI: <https://dx.doi.org/10.1177/0886260514536279>
8. Silva JL, Oliveira WA, Bono EL, Dib MA, Bazon MR, Silva MAI. Associações entre bullying escolar e conduta infracional: revisão sistemática de estudos longitudinais. *Psic Teor Pesq.* 2016;32(1):81-90. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016012241081090>
9. Silva JL, Oliveira WA, Bazon MR, Cecilio S. Bullying: conhecimentos, atitudes e crenças de professores. *Psico.* 2014;45(2):147-56. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.12683>
10. Trevisol MTC, Campos CA. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. *Psicol Esc Educ.* 2016;20(2):275-84. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150202964>
11. Yoon J, Sulkowski ML, Bauman SA. Teachers' responses to bullying incidents: effects of teacher characteristics and contexts. *J Sch Violence.* 2016;15(1):91-113. DOI: <https://doi.org/10.1080/15388220.2014.963592>
12. Zequinão M, Cardoso A, Silva JL, Medeiros P, Silva MA, Pereira B, et al. Academic performance and bullying in socially vulnerable students. *J Hum Growth Dev.* 2017;27(1):19-27. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.127645>
13. Troop-Gordon W, Ladd G. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: Associations with students' aggressive behaviour and peer victimization. *J Abnorm Child Psychol.* 2015;43(1):45-60. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10802-013-9840-y>
14. Marra CAS. *Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola.* São Paulo: Annablume, 2007.
15. Silva JL, Bazon MR. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel dos professores. *Rev Educ Espec.* 2017;30(59):615-28. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X28082>
16. Silva CS, Costa BLD. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cad Pesqui.* 2016;46(161):638-63. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143888>
17. Minayo MCS. O conceito de metodologia de pesquisa. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.* Petrópolis: Vozes, 2016; p. 9-30.
18. Zangirolami-Raimundo J, Echeimberg JO, Leone C. Research methodology topics: Cross-sectional studies. *J Hum Growth Dev.* 2018;28(3):356-60. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.152198>
19. Senra LX. Associação entre violência doméstica e o bullying em adolescentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. *Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.* Juiz de Fora: 2012.
20. Nicolaci-da-Costa AM. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). *Psicol Reflex Crit.* 2007;20(1):65-73. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100009>
21. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 2010.
22. Oliveira WA, Silva JL, Sampaio JMC, Silva MAI. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2017;22(5):1553-64. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.09802015>

23. Shetgiri R, Lin H, Avila RM, Flores G. Parental characteristics associated with bullying perpetration in US children aged 10 to 17 years. *Am J Public Health.* 2012;102(12):2280-6. DOI: <https://doi.org/10.2105/AJPH.2012.300725>
24. Silva JL, Bazon MR. Educação escolar e conduta infracional em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Estud Psicol.* 2014;19(4):278-87. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000400005>
25. Boarini ML. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. *Psicol Esc Educ.* 2013;17(1):123-31. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1413-85572013000100013>
26. Perron T. Peer victimisation: strategies to decrease bullying in schools. *Br J Sch Nurs.* 2013;8(1):25-9. DOI: <https://doi.org/10.12968/bjsn.2013.8.1.25>
27. Foster H, Brooks-Gunn J. Neighborhood, family and individual influences on school physical victimization. *J Youth Adolescence.* 2013;42(10):1596-610. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10964-012-9890-4>
28. Sevdá A, Sevim S. Effect of high school students' self concept and family relationships on peer bullying. *Rev Bras Promoç Saúde.* 2012;25(4):405-12. DOI: <http://dx.doi.org/10.5020/2539>
29. Silva MAI. Bullying entre pares na escola: desafio aos enfermeiros que atuam na atenção básica à saúde. *Rev Eletr Enf.* 2013;15(3):603-4. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i3.24527>

Abstract

Introduction: Bullying is a type of violence between peers characterized by intentionality, repetition and imbalance of power between victims and aggressors. The occurrence of bullying in the school context impairs students' learning and healthy development.

Objective: To analyze the educators' understanding of bullying in the school environment.

Methods: Cross-sectional and qualitative study carried out with 16 educators (principals, deputy principals, pedagogical coordinators and teachers) from two public schools in a city in the interior of the state of Minas Gerais, Brazil. Semi-structured interviews that followed a script produced from indications in the specialized literature were conducted. The content of the interviews was recorded and transcribed in full. The interpretation of the data followed the assumptions of content analysis, in its thematic modality, considering the following steps: pre-analysis, exploration of the material, treatment of results and interpretation.

Results: Three thematic categories were identified: 1) The centrality of families in the problems of schools in relation to the conception of educators; 2) Beliefs that establish explanatory links for bullying; and 3) Intervention actions developed in relation to bullying. The results show that educators' beliefs hold families exclusively responsible for school problems and bullying. These conceptions stem from situations experienced in everyday life or from speeches of other education professionals who reiterate the absence of families and the little parental involvement in the issues of formal education of children as the major problem. Narratives of this nature denote the absence of an expanded understanding of bullying and its complexity. In addition to the family, the educators pointed out the influences of personality, the media and social standards as factors that can explain the involvement of students in bullying situations. For the participants, the most effective responses to minimize or respond adequately to school bullying require the participation of the family and some did not believe that the school could do something effective alone. In the data set, it was noticed that the educators' beliefs and understandings about the problem of bullying prevent measures aimed at school aspects, which are more proximal to the occurrence of bullying, from being implemented.

Conclusion: It is concluded that the investigated educators need to expand their understanding of bullying, in order to develop effective actions to face this phenomenon in schools, which also include the participation of families.

Keywords: bullying, violence, education, family relations, school health services.

©The authors (2020), this article is distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The Creative Commons Public Domain Dedication waiver (<http://creativecommons.org/publicdomain/zero/1.0/>) applies to the data made available in this article, unless otherwise stated.